



# AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



## Motim!

Leandro Marlon Barbosa Assis  
Universidade Federal Fluminense  
leandro88marlon@gmail.com

Como nos escreveu Castro Alves, estamos em pleno mar. A luz da lua, que tocava o mar, é substituída pelo brilho constante de uma tela incessante. Uma multidão se inquieta ao redor de inquietos grupos. Mensagens pipocam pelas telas e os dedos frenéticos digitam sem nada dizer. Muito se fala sobre tudo que não se sabe e, por fim, se compartilha o desconhecimento coletivo.

Como nos escreveu Castro Alves, estamos em pleno mar. A infinita possibilidade do saber se transborda em si, deixando os corpos a boiar no mar da informação. Alguns, insanos, diriam, abraçam-se na busca da materialidade. Onde estão? Para onde irão? Quem diria que poderiam ser outra coisa se não um inerte coletivo de compartilhadores?

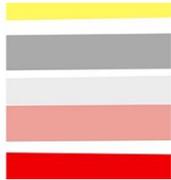
E, novamente, escreveu-nos Castro Alves: estamos em pleno mar! As potencialidades do conhecimento e do saber se propunham a nos levar a mundos nunca antes vistos, mas. A adversidade posta a nós, vejam só, contradiz tudo o que poderia ser sem ter sido. O local em que chegaríamos, que surpresa, reproduz os monstros de um passado cinquentão. Cale-se!

As perguntas que nos poriam em prumo nosso rumo são silenciadas pela generalização de nossa organização: comunistas! O que os olhos veem, quando saem de telas inertes, é um imenso deserto de corpos empilhados de opositores engajados. Dizem, se imaginemos o futuro, que veículos da imprensa pedirão, novamente, desculpas.

Pensai! Pensei! Reflitam sobre o que recebem, meus queridos companheiros de navegação. Ponderem sobre a barbárie posta a nós por todos os que já procuram os meios de destruir a todos nós. Façamos como cardumes que se juntam para debater, nunca bater. Que construamos outro comando para, ao fim, perceber o vento que nos guia.

Não fujam, ó amigos de lida. Não tremam diante do silenciador verbo enjoativo que nos cala. A esperança, enquanto vida que brota, nos levará ao outro dia em que tudo será poesia. Deixemos os tons de cinza para os olhos desbotados dos amantes da tortura. Tornemos tudo cor, sonhos e utopia.

Motim!



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Importem-se com as origens de nossos irmãos de cor, gênero e classe! As quebradas e as favelas trarão a nossa humanidade de volta! E não duvido por crer que é de lá, de nosso brado povo retumbante, teremos a certeza do amar que Paulo Freire tanto ensinava. Amar é revolucionário!

Que o molejo dos corpos te tire da inércia, irmão. Deixai a frieza das coberturas para a alma dos coronéis de dez estrelas que ficam com a assessoria nas mãos. Cantai, sambas que relembram nossas vozes que importam, tal qual a estação primeira! Leiam todos os textos clássicos e, também, as escrituras da periferia.

Como nos escreveu Castro Alves, estamos em pleno mar. Descei da embarcação individual e percebei o mundo que te cerca. Desça, mergulhe e se aprofunde no que recebe ou produz. Saia da superfície! Caso queira seguir caminho oposto, saiba que pode voar, subir e subir. O infame, por fim, é ficar na caverna de uma tela frenética que projeta as sombras da ignorância.

Como sabemos pelo texto de Castro Alves, as almas inertes que tentamos não ser, estão acorrentadas pelas correntes de um aplicativo naturalizado. Quem são os desgraçados que nos prendem? Quem são os malditos que nos põem como objetos de risadas? Quem são eles? Eles são os mesmos que vivem como seus pais.

Se eles são canhões e aprenderam a antiga lição de morrer pela pátria, que sejamos a flor e o amor que interrompe o ódio. Que o mundo de tormentas se apresenta como a realidade seja tomada pela leveza de sermos amor da cabeça aos pés! Não seremos, portanto, os filhos desse deserto oceânico que nos ronda e espreita. Seremos, de mesmo modo que os heróis mitológicos, aqueles que trarão a liberdade aos irmãos.

Primeiro, levaram... Pera! Ninguém leva um dos nossos sem luta! Se tentarem, sejamos contra e venceremos. Não tenhamos medo e saibamos que a terra que nos espera será salva por nossa resistência. Como dizem por aí, seremos essa força por ferir nossa existência.

Se eles se unem com uma burguesia de bandeira costurada com retalhos europeus, saibam que nossa veia pulsa o sangue guerreiro daqueles que estão cansados de se submeter. Se eles produzem histeria e infâmia contra os nossos argumentos, recebam nossos textos e nossa vida como formas de viver a plenitude do que somos: vermelhos por termos o sangue de nossos antepassados correndo em nossas veias e com suas almas ao nosso redor.

Motim!



**AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA**



Tomemos o timão dessa nau que nos leva como prisioneiros de correntes perversas e milionárias para guiar nossos caminhos em nome de um projeto coletivo que deixa as armas aos ignóbeis adversários. Somos os heróis de nosso tempo e o tempo não para.

**Recebido em: 22 de outubro de 2018.**

**Aprovado em: 11 de dezembro de 2018.**